

UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE O MEIO RURAL

LIMA, Ronaldo G. de*

Palavras-chave: desenvolvimento, visão disciplinar, visão sistêmica, espaço rural

CRÍTICA AO DESENVOLVIMENTO E À CIÊNCIA TRADICIONAL

Muitas das discussões que fazem menção aos diversos problemas globais da era contemporânea referenciam uma crise do desenvolvimento, devido à opulência da ideologia do crescimento ilimitado. Desde a era industrial do século XVIII, em que as forças produtivas se libertaram pelas novas descobertas tecnológicas, o eixo ideológico do capitalismo propunha a reprodução ampliada do capital, criando a falsa impressão de progresso social à maioria. Esse mau desenvolvimento, calcado na economia de crescimento, gera (e continua gerando) uma série de distorções, por impactar negativamente os recursos naturais e não promover o verdadeiro desenvolvimento social que fora prometido.

Nem mesmo o avanço científico nos diversos campos do conhecimento tem dado a devida contribuição aos problemas socioambientais em escala local e global. O desenvolvimento da ciência cartesiana nascida na era moderna, e que deu ênfase no estudo das partes, contribuiu mais para evidenciar valores antropocêntricos e a visão de sociedade como uma luta competitiva. Essa noção disciplinar, cuja racionalidade é disjuntiva, tende a negligenciar o mundo da vida, com processos (ou práticas) que aprofundam as diferenças sociais, tanto dentro, como entre as nações. A razão objetivadora de base materialista e determinista¹ não optou pela totalidade nem pelo pensamento contextual².

Na tentativa de procurar as verdades científicas absolutas por meio de como e de que é feita a matéria, a natureza do conhecimento científico engajado no estudo das partes rompeu com o conhecimento do senso comum (ou do cotidiano). Diz-se que a ciência tradicional da era moderna funde-se num vazio epistemológico, por não tratar adequadamente de estudos da organização, das descrições das relações dos fenômenos. Ao centrar-se nos estudos da composição dos fenômenos, a cientificidade peca por faltar com abordagens contextuais de seus resultados, assim como é duvidosa a sua real colaboração com soluções que atenuem os diversos problemas vivenciados na sociedade.

* Engenheiro agrônomo, Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNISC, Doutorando em Agronomia pela FAEM/UFPel e Bolsista da CAPES. Correio eletrônico: ronaldol@viavale.com.br

¹ O postulado da ordem determinista ofusca o imprevisto (o inesperado), a possibilidade do novo (Morin (2001).

² Cf capítulos I, II, III da Obra de CAPRA, F. (2002). A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 256 p.

A ciência, que deveria contribuir com maior presteza no sentido de evitar ou enfrentar os desafios das mazelas planetárias, encontra-se aliada à indústria e ao lucro³. Nesses termos, o progresso da ciência é ambivalente, pois, de um lado, traz benefícios, mas, de outro, é manipulador e destruidor (Morin, 2002).

Para além da crítica do desenvolvimento e das práticas científicas redutoras, abrem-se os canais para o evento do questionamento e da proposição sob outras bases. Souza Santos (2002) nos dirá que o paradigma dominante apresenta fortes sinais de crise por conta de uma emergente pluralidade de condições sociais e teóricas que o questionam. Capra (2002), um defensor da ecologia profunda, entende que está havendo uma mudança de paradigmas tanto na ciência como na arena social. O paradigma mecanicista que moldou a moderna sociedade ocidental encontra-se agora retrocedendo, diz o cientista.

PADRÃO PRODUTIVISTA NA AGRICULTURA E EMERGÊNCIA DE NOVOS ENFOQUES

A prática produtivista de agricultura nos países pobres desrespeitou as peculiaridades socioambientais e culturais das famílias. Seu caráter de objetivar e de homogeneizar os agroecossistemas trouxe mais dilemas do que soluções. Na visão de Paulo Freire (2001), tal processo desencadeou no campo uma prática de extensão rural antidialógica (ou não-comunicativa) que feriu a identidade cultural dos agricultores, motivada pela invasão cultural da ideologia moderna da agricultura. Esse difusionismo positivista, herdado da Escola Européia e Norte-americana, reconhecia os agricultores do sul como atrasados. Era preciso que eles saíssem do mundo tradicional e desenvolvessem valores e atitudes modernas. Assim, facilitaria o progresso da sociedade subdesenvolvida. O rumo que o pretenso desenvolvimento alcançou tornou-se ilusão, com agravos sociais na geração do fenômeno da favelação nos grandes centros e no acento da dicotomia entre o rural e o urbano.

Fruto de uma visão reducionista, esse tipo de desenvolvimento concebido e difundido por instituições de ensino, pesquisa e extensão, empenhou-se em focalizar métodos disciplinares, distanciado (ou desconectado) do mundo da vida das famílias. Os modelos lineares de desenvolvimento rural viam as pessoas como objetos. Porém, de alguns anos

³ Para Fourez (1995), o surgimento de uma disciplina científica acha-se ligada a múltiplos mecanismos sociais e mesmo lutas sociais. São as demandas externas, que fazem evoluir uma disciplina ou um paradigma. Não por acaso, quase sempre elas são comandadas por grupos sociais hegemônicos política e economicamente. Foi assim com o desenvolvimento de tecnologias e informação para a área militar e industrial, a saúde para a medicina curativa em detrimento da prevenção, e acrescenta-se uma agricultura voltada para formatos técnico-agronômico-industriais. A metáfora, segundo a qual a ciência industrializou-se (Souza Santos, 2002), parece correta, dada a sua manifestação tanto ao nível da ação prática quanto ao nível das organizações da investigação científica.

para cá, têm surgido e se popularizado abordagens alternativas ao modelo reducionista cartesiano de desenvolvimento. Novas noções paradigmáticas, como é o caso do enfoque de sistemas, diagnósticos e métodos participativos (MAP - Método de Aprendizagem Participativa; DRSR - Diagnóstico Rápido de Sistemas Rurais), e mais recentemente os pressupostos do desenvolvimento sustentável, vão propor abordagens teórico-metodológicas, de cunho includente e multidisciplinar.

Em que pesem as controvérsias conceituais da emergente proposta da sustentabilidade e da aplicabilidade prática da noção sistêmica, o interessante desses novos enfoques é a compreensão de que o espaço agrário encontra-se em constante transformação, onde se constata o desenvolvimento de atividades (sistemas) complexas (complexos), organizadas e manejadas pelas pessoas em interação com o seu meio.

É muito provável que o pensamento sistêmico, herdado de Heisenberg e Bertalanffy, e do próprio Capra (2002) que os cita, tenha fornecido os pressupostos de totalidade para as investigações do espaço rural que focaliza a perspectiva da interação pessoas-ambiente. Adepto da ecologia profunda, Capra define pensamento sistêmico como aquele que compreende um fenômeno dentro de um contexto maior e num determinado espaço ambiental. Diferentemente da abordagem analítica, a emergência do pensamento contextual prima pela observação das relações integradas entre as partes. De forma intuitiva, são as propriedades do todo que levam à compreensão das partes.

NOÇÃO SISTÊMICA DO ESPAÇO RURAL

É o eixo ecológico do sistemismo, a faceta que o diferencia do enfoque reducionista, tanto do paradigma disciplinar como o da visão integrada do pensamento holístico⁴. Nem sempre as ações tidas como holístico-sistêmicas são necessariamente sustentáveis para o social e para o ambiente. Podem os projetos de desenvolvimento incorporar muito mais a faceta técnico-produtiva ou econômica do que a preocupação futura com os agroecossistemas de base ecológica. Almeida (2003) chama atenção, em especial, para alguns projetos levados a cabo no Brasil pelo Governo (em convênio com a FAO) e por certas universidades do sul, falseando o verdadeiro projeto sistêmico para o desenvolvimento rural, em face da ausência metodológica guiada por processo multi e interdisciplinar, bem como por se restringir a apreensão do processo a poucas dimensões da realidade social. Almeida (*op. cit.*) propõe um esforço metodológico, inclusive, com outros quadros teórico-

⁴ Cf a nuance entre o termo holístico e ecológico, no capítulo I, na obra de Capra (2002).

concentuais de diversas disciplinas, para se tentar compreender/refletir a realidade complexa entre sistemas vivos e não-vivos. O foco da análise sistêmica (simplificadora) de objetos ou sistemas físicos de produção deve ampliar o domínio de estudo, contemplando o sistema social em conexão com o ambiente, defende Almeida. Nesse domínio multidimensional proposto, está o ideário científico da agroecologia.

Algumas experiências focadas nesse ideário estão sendo feitas em vários locais do Brasil, especialmente no Sul. A contribuição estratégica da agroecologia valida o saber cotidiano dos grupos sociais rurais, mas, fundamentalmente, ela propõe a participação comunitária ao lado do avanço científico interdisciplinar, para “... apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis” (Caporal & Costabeber, 2002; 71). Ressalte-se, porém, que o processo da transição encontrará maiores possibilidades se houver efetivamente atitude científica e institucional voltada à sustentabilidade ecológica e à equidade social dos sujeitos sociais do meio rural. Para isso será preciso assumir uma postura sob outras bases, nas quais a visão sistêmica de orientação ecológica nos fornece importantes subsídios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ALMEIDA, Jalcione. O enfoque sistêmico e a interpretação dos processos sociais rurais: usos “redutores” de um pretensão paradigma “holístico”. Redes - Revista do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNISC, Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 1, p. 43 - 56, jan./abr. 2003.
- 2-CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: EMATER, RS/ASCAR, v. 3, n. 3, p. 70 - 85, jul./set. 2002.
- 3- CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 7. ed. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 2002. 256 p.
- 4- FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências. Tradução de Luiz P. Rouanet. São Paulo: Ed. da Universidade - UNESP, 1995, p. 103 - 143.
- 5- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca D. de Oliveira. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p. (O mundo, hoje, v. 24).
- 6- MORIN, Edgar. Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo. Tradução de Maria Lúcia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2002. 128 p.
- 7- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001, p. 35 - 46.
- 8- SOUZA SANTOS, Boaventura de. Um discurso sobre as ciências. 13. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 59 p.